



O PODCAST NO ENSINO DE HISTÓRIA E AS DEMANDAS DO TEMPO PRESENTE: QUE POSSIBILIDADES?

Raone Ferreira de Souza

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
raone_phn@hotmail.com

Resumo:

O objetivo deste trabalho é discutir a construção do conhecimento histórico através das Tecnologias de Informação e Comunicação, especificamente do podcast – mídia digital de distribuição de arquivos de áudio pela internet – e indicar algumas possíveis contribuições dessa mídia para o Ensino de História. Desenvolvemos a discussão de que a Escola é um espaço híbrido, constituído em meio ao processo de globalização como lugar de convergência entre as diversas mídias pertencentes à cibercultura e que, a partir de uma escolha pela utilização da temporalidade do Tempo Presente, professores de história e alunos podem mobilizar saberes para além dos espaços formais de ensino. Assim, a convergência das mídias digitais no espaço escolar criam potencialidades para a produção de narrativas históricas originais protagonizadas por professores e alunos para os espaços públicos. Percebendo essa potencial articulação entre o espaço digital e escolar, propomos o desenvolvimento de uma oficina de podcast a ser utilizada por professores de história na Educação Básica.

Palavras-chaves: Podcast – Ensino de história – TICs

Abstract:

The objective of this work is to discuss the construction of historical knowledge through Information and Communication Technologies, specifically the podcast - digital media distribution of audio files over the Internet – and to indicate some possible contributions of this media to History Teaching. We developed the discussion that the School is a hybrid space, constituted in the middle of the process of globalization as a place of convergence between the diverse media belonging to cyber culture and that, from a choice by the use of the temporality of Present Time, teachers of history and students can mobilize knowledge beyond formal learning spaces. Thus, the convergence of digital media in the school space creates potentialities for the production of original historical narratives carried out by teachers and students for public spaces. Realizing this potential articulation between digital and school space, we propose the development of a podcast workshop to be used by history teachers in Basic Education.

Keywords: Podcast - Historyteaching - ICTs

Introdução

O presente artigo foi desenvolvido a partir de pesquisa realizada no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trata-se de uma pesquisa que procurou refletir sobre os usos da Tecnologia de Informação e Comunicação – as chamadas TICs – no âmbito do ensino de história, relacionando os campos da História Pública, da História Digital e da produção dos Saberes Escolares. Foram dois anos de pesquisa desenvolvida no diálogo com o campo de estudo das Mídias Digitais e uma reflexão pautada na relação do professor de história e sua articulação metodológica e didática com as tecnologias digitais em sua prática docente. Buscamos, no entanto, não apenas refletir teoricamente, mas também produzir uma pesquisa que faça sentido para a realidade escolar e também contribuir para a formação de professores no âmbito das tecnologias digitais.

Efetivamos uma busca teórica que direcionasse um caminho para que docentes pudessem desenvolver, efetivamente, práticas de ensino que dialogassem com o ciberespaço e a proliferação cada vez maior de tecnologias de informação presentes nas salas de aula. Tomamos por objeto o Podcast, mídia de áudio distribuída pela internet que tem crescido potencialmente nos últimos anos. Esse caminho levou-nos ao desenvolvimento do projeto “Histórias na podosfera”, oficina desenvolvida para que professores de história pudessem utilizar da mídia Podcast como meio de produção de narrativas históricas no espaço escolar.

Nesse sentido, a pesquisa de mestrado procurou dar sentido aos usos das TICs no ensino de história em uma estreita relação entre teoria e prática. Essa experiência, ainda que breve – no decorrer de dois anos – nos levou a diversos questionamentos teórico-metodológicos. Como professores de história articulam saberes e práticas em sua ação docente? Como empreender uma opção dos usos das TICs sem decorrer em soluções pedagógicas simplistas? Como tornar o Podcast um instrumento para se problematizar questões históricas próprias da sala de aula? Foram questionamentos desafiadores que motivaram a trajetória desta pesquisa e que procuramos refletir neste artigo.

Nascimento e expansão da mídia Podcast

É possível perceber que houve uma grande mudança na relação entre produtores e consumidores de conteúdo informativo na Web. O status de quem consome e produzia tornou-se mais tênue na medida em que a popularização da internet nas diversas camadas

sociais se intensificou a partir dos anos 2000. Esse fenômeno de transformação das relações de consumo na internet foi chamado de Web 2.0.¹

É nesse momento que surge o Podcast, mídia transmitida via feed RSS (ReallySimpleSyndication), tecnologia que permite que usuários assinem conteúdos e os recebam em seus computadores. Segundo MOURA & CARVALHO (2006, p. 88) o termo podcast surgiu através da programação feita por Dave Winer – criador de software – e o DJ Adam Curry da MTV. O objetivo da parceria era disponibilizar áudios para transmissão e download através de uma subscrição de feed via web. A popularização dessa tecnologia se deu a partir do uso do iPod como sistema que direcionava os downloads. É desse uso que surge a palavra Podcast, derivada das palavras podcasting (método de transmissão ou distribuição de dados) e iPod (dispositivo de reprodução de áudio/vídeo da Apple).

É muito comum que se confunda o podcast com outras mídias de áudio disponibilizadas na internet. Em 2004, data de criação do podcast, era muito comum a disponibilização de programas de rádio em formato MP3 para download. O usuário acessava determinado Blog ou site e fazia download diretamente para o seu computador. Assim, para que este usuário tivesse acesso a um novo programa ele deveria sempre acessar o endereço da página na internet para ver se um novo conteúdo já estava disponível. Com o surgimento de aparelhos portáteis que reproduziam arquivos em formato de áudio, várias ideias para automatizar o acesso dos usuários aos conteúdos surgiram. Dentre estas tecnologias a mais popular foram os chamados “agregadores”, programas que utilizavam da tecnologia RSS presente nos Blogs para transmitir os arquivos de áudio ao mesmo tempo que avisava aos usuários que estavam disponíveis.

A principal característica do Podcast é que o diferencia das demais mídias de áudio, a exemplo das Web Rádios, é o sistema de *pull* e *push*. O podcast possui uma especificidade tecnológica que permite aos usuários uma maior liberdade na sua relação com o conteúdo, permitindo que seja possível escolher seus programas preferidos sem depender exclusivamente de conteúdos previstos em uma grade de programação. As mídias tradicionais, como o rádio e a televisão, permitem apenas que os usuários recebam passivamente o conteúdo sem, no entanto, estabelecer uma relação interativa. Esse sistema é

¹ O conceito de Web 2.0 surgiu em meados de 2004 e foi cunhado por Tim O’Reilly, chefe executivo da O’Reilly Media, durante uma sessão de brainstorming com a MediaLiveInternational. Em setembro do ano seguinte O’Reilly publicou o artigo “What is Web 2.0” em que discutia as transformações da web a partir da bolha das lojas online no início do século XXI.

comumente chamado de *push*². Porém, o Podcast além de possuir a característica de *pull* como qualquer outra mídia na internet, também possui o *push*³ na medida em que o usuário permite que os agregadores de podcast façam download automaticamente dos programas assim que estes são lançados na podosfera⁴. Nesse sentido, o Podcast se caracteriza pela otimização do pull e do push, dando maior liberdade ao usuário em sua relação com a mídia.

Com os podcasts e a utilização de feeds, a mídia é baixada automaticamente para o computador ou aparelho do usuário pelo agregador, sem necessidade de *pull* direto ou *push* involuntário. É quase como se o usuário escolhesse receber automaticamente a mídia, em um misto de *pull* e *push*. E isso só é possível pelo uso do feed, pois o usuário precisa escolher qual programa baixar para assinar seu feed, mas o download do programa é automático. Porém, ainda reconhece-se o podcast como um sistema de *pull*, pois, por mais que o arquivo seja baixado automaticamente, o assinante pode escolher como e quando acessa seu conteúdo e a assinatura ainda é ativa na busca por conteúdo. (ASSIS, 2014: p. 33)

Um dos podcasts mais ouvidos do Brasil é o Nerdcast⁵ do site Jovem Nerd. Com conteúdo voltado ao público Geek⁶, o podcast além de tratar sobre temas como RPG, quadrinhos, filmes, series e outros assunto da cultura pop, também discute fatos relacionados à vida dos participantes. Temas como histórias de carnavais, coisas irritantes, entrevistas, ciência, fatos do cotidiano e viagens são tratados de forma humorística e descompromissada. Outros podcasts possuem essa mesma temática geek e alcançam milhares de ouvintes, como Matando Robos Gigantes⁷, Rapaduracast⁸, 99 vidas⁹, Canal 42¹⁰.

Podcast relacionados à Educação ainda são poucos, mas alguns programas têm crescido e alcançado um público cada vez mais diversificado. Citamos o podcast do site Escriba Café¹¹ que trata de temas históricos, passando por temas como Idade Média, Mitologia grega, Segunda Guerra Mundial, Revolução Francesa e muitos outros. Estes programas possuem uma modalidade diferente, sendo o podcast narrado apenas por um participante e sonorizado com efeitos que contextualizam a narrativa. Já o podcast do site

²Do inglês “empurrar”.

³Os arquivos da internet em sua maioria se encontram localizados em endereços específicos na rede. Portanto, quando falamos em *push*, estamos dizendo que os usuários precisam acessar determinado local na web para fazer o download de arquivos.

⁴Termo utilizado para designar o espaço digital em que são disponibilizados os podcast. Também se usa este termo para associar ao “mundo” que circulam os podcasts.

⁵Disponível em: <<www.jovemnerd.com.br/categoria/nerdcast/>> Acesso em 28 de janeiro de 2017.

⁶Geek é um sinônimo para nerd e também é usado para caracterizar pessoas que se interessam e possuem afinidades com tecnologia, cinema, séries, quadrinhos, eletrônica, jogos eletrônicos ou de tabuleiro e etc.

⁷Disponível em: <<<http://jovemnerd.com.br/categoria/matando-robos-gigantes/>>> Acesso em 29 de janeiro de 2017.

⁸Disponível em: <<<http://cinemacomrapadura.com.br/rapaduracast-podcast/>>> Acesso em 29 de janeiro de 2017.

⁹Disponível em: <<<http://99vidas.com.br/>>> Acesso em 29 de janeiro de 2017.

¹⁰Disponível em: <<<http://canal42.tv/category/podcast/>>> Acesso em 29 de janeiro de 2017.

¹¹Disponível em: <<www.escribacafe.com.br/>> Acesso em 29 de janeiro de 2017.

História Online¹² possui características didáticas, em que o professor Rodolfo Neves discute os temas históricos apresentando conceitos, discussões teóricas e conteúdos voltados, principalmente, para alunos que desejam realizar o vestibular. Divididos em ordem cronológica, os podcasts deste site se organizam em três grandes temas: História Geral, História do Brasil e Atualidades. O Scicast¹³ se distingue como um podcast relacionado à divulgação da ciência ao grande público, passando de temas das ciências exatas como física, química, mecânica até temas relacionados a ciências humanas, como história e geografia.

Com o objetivo de discutir problemas de natureza histórica a partir das demandas do presente o Sobre História¹⁴ é um podcast fundado a partir das discussões sobre o lugar do historiador em meio às novas tecnologias de informação, sua inserção na sociedade como referência em assuntos de natureza histórica e na sua atuação como divulgador científico. O podcast tem apresentado temas relevantes para a sociedade, partindo do pressuposto de que pensar historicamente é um fenômeno inerente ao ser humano e não algo exclusivo da academia. O objetivo é discutir sobre história de forma acessível a todos os públicos interessados no tema de maneira sempre embasada e ancorada nos pressupostos teóricos da historiografia.

Pensando em articulações entre a história e o digital

Não é novidade que as mais diversas mídias sempre se apropriaram da história para produzir diferentes narrativas, por vezes rebatidas ou criticadas pelos historiadores; outras, utilizadas para enaltecer perspectivas e produzirem disputas teóricas e ideológicas. Esse movimento de disputa pelo espaço de produção de narrativas históricas se intensificou a partir do surgimento das mídias mediadas pela internet. Quais impactos das narrativas históricas produzidas por não historiadores nos espaços público digitais? Como os historiadores têm reagido diante do uso cada vez mais popular das TICs? Quais reflexos recaem sobre o ensino de história na educação básica?

A relação entre história e os meios digitais são complexas e diversos campos da historiografia têm analisado essa relação a partir de definições teóricas distintas. Não temos a pretensão de analisar todas elas. Porém, acreditamos que seja necessário a apresentação dos principais campos para que alinhemos a perspectiva que melhor se relaciona a problematização da nossa pesquisa. Sem dúvida a relação entre história e o digital desafiam as

¹²Disponível em: <<www.historiaonline.com>> Acesso em 29 de janeiro de 2017.

¹³Disponível em: <<<http://www.scicast.com.br/>>> Acesso em 29 de janeiro de 2017.

¹⁴Disponível em: <<<https://soundcloud.com/sobrehistoriapodcast>>> Acesso em 29 de janeiro de 2017.

formas tradicionais do ofício do historiador e esses problemas criam diferentes enfoques na relação entre o digital e a história.

GALLINI & NOIRET (2011) afirmam que com o surgimento da internet o historiador profissional encontrou não apenas um novo meio de divulgação de suas pesquisas, mas também novas formas e ferramentas de produção. Para os autores, as redes digitais alteraram os modos de produção historiográfica ocasionados principalmente pelo surgimento da *hipertextualidade*¹⁵, ferramenta que permite o acesso direto de um documento a outro por meio da web. Não é mais necessário que o historiador precise se deslocar para consultar livros, textos ou fontes em catálogos de bibliotecas pelo mundo. Acessar a mapas, vídeos, ficheiros de áudio e fotografias em formato digital tornou-se recurso comum a quem quer que possua conexão à internet. No entanto, esse acesso trouxe diversos questionamentos. Como o historiador deve tratar os documentos digitalizados? Existe uma especificidade no tratamento desses documentos?

Esses questionamentos proporcionaram a abertura de um campo de pesquisa chamado de “história digital”¹⁶ (*digital history*) que, como define Noiret (2015), trata-se de um campo de pesquisa que leva em consideração “diferentes fontes e as diversas tramas narrativas da web” (p. 32). Vemos um processo de transição total ou parcial do ofício do historiador para o meio digital.

Quase todas as problemáticas tradicionais do ofício de historiador, da delimitação de uma hipótese de pesquisa à descoberta, ao acesso e à gestão dos documentos e das fontes, até conseguir os fundamentos narrativos e, sobretudo, até a comunicação da história e dos resultados de pesquisa, e, finalmente, o ensino da história, passam agora em parte ou no todo, pela tela do computador. Essas práticas se aninham no interior da rede. (NOIRET, 2015, p: 32-33)

Para além das problemáticas do campo historiográfico, o historiador digital vê-se diante de questões específicas do meio digital. Com o surgimento acelerado de novas tecnologias de informação e comunicação e com o advento da web 2.0, o meio digital tem sido palco de produção das mais diversas narrativas históricas. Trata-se de um processo de popularização de acesso aos espaços digitais de forma que qualquer pessoa seja capaz de

¹⁵ O hipertexto é um caminho de navegação que conecta informações a partir de associações, seja através de textos ou mesmo de imagens, vídeos e outras mídias disponíveis na web. O hipertexto pode ser construído em delineamento coletivo, como é utilizado pelos verbetes do Wikipédia.

¹⁶ No Brasil vemos como marco dos estudos acerca da História pública a criação em setembro 2012 da Rede Brasileira de História Pública. Em carta de apresentação, os membros da rede estabelecem que “A Rede Brasileira de História Pública foi criada em torno do interesse comum de pesquisadores, profissionais, professores e estudantes interessados em refletir sobre a história pública, suas potencialidades e desafios, bem como de estimular a prática de produção do conhecimento histórico dirigido a diferentes públicos, com um enfoque interdisciplinar”. Disponível em: http://historiapublica.com.br/?page_id=520 . Acesso em 21 de abril de 2016.

entrar na rede e acessar o conteúdo disponível. No entanto, como afirma Noiret, a ausência de historiadores que dominem os espaços digitais pode criar consequência críticas em relação aos discursos produzidos sobre o passado, ocasionando um distanciamento teórico e metodológicos de se fazer história (NOIRET, 2015).

Nesse mesmo sentido, o historiador Carlo Ginzburg (2010) em conferência sobre a "História na era Google"¹⁷, definiu a internet com espaço fragmentado de conhecimento e o Google como uma ferramenta poderosa de pesquisa histórica. Essa contradição é evidente ao pensarmos na teia de informações disponíveis na rede. De fato, disponibilidade não quer dizer qualidade; vivemos numa era em que as informações dispersas na rede podem ser utilizadas de maneiras diversas e imprevisíveis, sem ao menos possuir um caráter crítico. Assim também acontece com a história. É nesse sentido que o historiador italiano caracteriza o Google como ferramenta sem vida, com grande potencial para a pesquisa histórica, mas também possível de negá-la. Nas palavras do próprio historiador:

O Google é, ao mesmo tempo, um poderoso instrumento de pesquisa histórica e um poderoso instrumento de cancelamento da história. Porque, no presente eletrônico, o passado se dissolve. Essa contradição já está modificando o mundo em que vivemos e em que as gerações futuras viverão. Os conceitos de presente e futuro se tornam mais frágeis. E de passado também. Ao menos, o passado como os historiadores o viam. (GINZBURG, 2010)

Essa mudança de sentido no tempo analisada por Ginzburg nos apresenta problemas epistemológicos claros da história na era digital. DARNTON (2010) ao problematizar a questão do acesso e de como a informação se condensa nos espaços digitais, irá observar que a informação nunca foi algo estável e, com a aceleração das mudanças tecnológicas, “a informação se tornou algo fora de controle” (DARNTON, 2010, p. 47). Das mudanças mais claras observadas pelo historiador é que as fontes históricas deixaram de ser “objetos” prontos, no sentido de sua produção no tempo, para se tornarem mutáveis.

Documentos, textos jornalísticos ou mesmo materiais multimídia, como vídeos e áudios, podem ser retirados da web, apagados ou mesmo alterados de acordo com a vontade do usuário que o criou. Essa problemática aponta para o sentido de preservação das fontes históricas, principal questão levantada por Darnton (2010) ao discutir o desenvolvimento da plataforma *Google BooksSearch*, ferramenta online que tem como objetivo catalogar e disponibilizar livros online em forma de uma biblioteca digital, anexando obras das mais diversas universidades do mundo. A principal questão levantada pelo autor é se o Google (ou qualquer meio digital) conseguiria preservar documentos digitais. Darnton atribui importância

¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wSSHnqAbd7E> . Acesso em 22 de janeiro de 2017.

ao sentido de se digitalizar fontes – entenda-se o livro como uma fonte –, divulgando através das tecnologias de informação e comunicação, elogiando o sentido de distribuição e mecanismos de busca que a internet proporciona. Por outro lado, o autor defende a preservação dos depositórios tradicionais da informação, isto é, as bibliotecas e os arquivos, afirmando que as tecnologias se apresentam rapidamente como obsoletas e passíveis de perda, principalmente por erros tecnológicos.

Bits se degradam com o passar do tempo. Documentos podem se perder no ciberespaço por conta da obsolescência da mídia em que estão registradas. Hardware e software vêm se tornando indistintos a um ritmo preocupante. A menos que o problema enervante da preservação digital seja resolvido, todos os textos que “nasceram digitais” pertencem a uma espécie em risco de extinção. (DARNTON, 2010: p. 56)

Todo esse embate nos leva a estabelecer que ainda existem dificuldades dos historiadores em lidar com a ampla gama de tecnologias digitais presentes na internet e que, por sua vez, ao estabelecer problemáticas sobre esses objetos digitais, encontram-se impasses metodológicos e teóricos. Sendo assim, alguns autores têm discutido a relação entre a História e o digital, relacionando discussões e problemas de outras áreas do conhecimento como a comunicação, a filosofia, a informática, entre outras.

LUCCHESI (2012) irá discutir que a apropriação da Internet pela História através da Tecnologias de Informação e Comunicação estabelece problemas sobre “o uso da Internet como fonte e ferramenta de pesquisa, suporte de memórias e novo espaço público, lugar também de divulgação dos resultados de trabalhos historiográficos” (p. 01). Esses problemas emergem sob a égide de duas correntes historiográficas que tratam da relação História/Digital, a primeira denominada de *Digital History* nos Estado Unidos, seguido da *Storiografia Digitale* na Itália. Nesse sentido, partindo da ideia do *hipertexto* e das discussões em torno do conceito de *ciberespaço* Lucchesi evidenciou uma mudança na maneira com que se escreve e pesquisa História.

Vê-se que, a partir da utilização de *hipertextos*, os leitores de materiais digitais conseguem se conectar diretamente às referências citadas pelos historiadores em sua pesquisa (LUCCHESI, 2012). Esta conexão se dá a partir do *ciberespaço* como lugar de disponibilização e acesso de documentos, textos, livros e outras fontes digitais, que criam camadas sob camadas e articulam diversas mídias a partir de um mesmo documento. Está em evidência que, ao colocar o texto historiográfico como produção no/para o meio digital, o torna suscetível a mudanças na construção de seu ofício, na medida em que se articulam e conectam as mais diversas mídias. Sendo assim, os leitores do texto podem ter acesso direto

às fontes e à bibliografia utilizada pelo autor, levando-o a conexões muito mais amplas na compreensão do texto que, sem o acesso em rede, seria impossibilitado por dificuldades físicas de se acessar determinadas fontes nos repositórios tradicionais, isto é, as bibliotecas e os arquivos.

Ainda nos lembra LUCCHESI (2013) de que as tecnologias causam distorções em relação às noções de temporalidade e espacialidade (p. 06). Nunca se viu um alcance tão imediato de notícias e acontecimentos como hoje; alcance este que implica em demandas de consumo de informação que se espera que sejam produzidas por historiadores, como se o passado fosse portador de respostas às questões do presente. O Tempo e o Espaço são distorcidos pelo próprio processo de aceleração, conexão e disponibilidade da informação nos meios digitais? Seria possível que o advento da internet, sua popularização e o desenvolvimento rápido das TICs, tornariam possíveis uma mudança nos regimes de historicidade?

Ensino de história, as TICs e o Tempo Presente

A preocupação, por vezes enigmática, sobre as ideias de temporalidade – relações entre Passado, Presente e Futuro – tem sido pauta de diversas discussões entre os historiadores. Reinhart Koselleck em sua obra *Futuro Passado: Contribuição a Semântica dos Conceitos Históricos*, ao abordar as diferentes construções dos conceitos históricos no tempo, levanta duas categorias formais de conhecimento que nos permitem “fundamentar a possibilidade de uma história”. Estas categorias são chamadas de *experiência* e *expectativa*. Para o historiador alemão, a história é construída pelas experiências vividas pelos indivíduos e pelas expectativas dos atores históricos. Para ele estas duas categorias estão diretamente relacionadas, pois se remetem a condição humana universal, não podendo existir uma sem a outra. A *experiência* assume aqui o foco da memória, do vivido, das permanências e evoca a um passado que se concretiza no presente. A *expectativa* nos faz refletir sobre o futuro e as antecipações do que virá, nos fazendo produzir conjecturas baseadas nas experiências do passado.

“A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados a podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, que não precisam estar mais presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é preservada uma experiência alheia. Neste sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias” (KOSELLECK, 2006: p. 306)

Essas categorias meta-históricas são importantes para o entendimento de como os historiadores pensam o tempo, pois nos levantam problemas epistemológicos. HARTOG (1996), seguindo a análise de Koselleck, irá dizer que houve uma mudança significativa na maneira com que os historiadores pensam o tempo a partir da queda do Muro de Berlim em 1989. Para o autor houve uma ruptura com o modelo de historicidade moderno, atrelado a ideia de progresso. No que se refere à historiografia, o moderno apresenta o sentido de progresso, e a História é vista como processo e o Tempo como algo direcionado a um fim. Aqui o sentido de “expectativa” e “experiência” tomará um novo sentido. Para Hartog (1996), essa mudança no regime de historicidade trará em foco cada vez mais a presença do que chamamos de *presentismo*. O argumento do autor se baseia nas mudanças ocorridas ao longo do século XX – revoluções, transformações econômicas e de competitividade, novas tecnologias –, bem como a emergência de sistemas cada vez mais rápidos de comunicação que fazem com que as *expectativas*, para usar o conceito de Koselleck, tomem uma nova direção.

O *futuro*, como *horizonte de expectativa*, vai perdendo o seu lugar, enquanto preocupações relacionadas ao presente tomam cada vez mais importância na sociedade. Se a História *Magistra Vitae* lidava com o passado como direção e caminho guia, no Regime Moderno a história como função teleológica do ponto de visto do futuro, agora observamos uma mudança de direção totalmente diferente. A História deve lidar cada vez mais com as questões relacionadas ao presente.

Assim, em meio a um mundo permeado por um constante processo de diversificação dos meios de comunicação e, principalmente, da massificação do conhecimento produzido na web, percebemos que cada vez mais os discursos que se utilizam de conhecimentos e narrativas históricas têm tomado um importante lugar na mídia. O lugar de produção do conhecimento histórico, antes produzidos no interior das universidades e das instituições escolares, tem crescido no meio público, seja através de discursos políticos, do cinema, televisão e revistas, mas principalmente através dos veículos digitais, especificamente daqueles mediados pela internet. A Web 2.0 possibilitou não apenas o acesso, mas também a produção coletiva do conhecimento histórico e abriu portas para que a história não se mantivesse restrita a comunidade acadêmica. Como exemplo de plataformas interativas e participativas – aspectos constitutivos da “história pública digital” – podemos citar o “Acervo

do Conhecimento Histórico”¹⁸, grupo da rede social Facebook onde historiadores e pessoas interessadas em história compartilham sites, artigos e diversos materiais multimídia.

É nesse sentido que entendemos o ensino de história e as TICs, como ensino que se processa na articulação entre a história e o tempo presente. Neste sentido entendemos que, como HOBBSAWM (1995a), os historiadores estão sujeitos as suas próprias experiências em detrimento do seu lugar privado que “inspeciona o mundo” (p. 104). Ou seja, o nosso ângulo de análise e as experiências que tivemos no campo pessoal moldam “inevitavelmente a forma como o vemos, e até mesmo o modo como determinamos a evidência à qual todos nós devemos apelar e nos submeter, independentemente de nossos pontos de vista” (p. 105). Essa questão é polêmica, pois, as críticas levantadas contra a história do Tempo Presente são exatamente relativas à proximidade que os historiadores possuem em relação ao seu objeto. Espera-se que os historiadores mantenham uma distância cronológica do seu objeto de pesquisa para que não ocorram anacronismos e/ou juízos de valor do pesquisador. Hobsbawm, no entanto, admite que relutou em começar a tarefa de escrever a história do século XX (1995b) – “A Era dos Extremos” – pois havia consciência que seria alvo de críticas. Mesmo diante dos desafios, o historiador rompeu com paradigmas ao considerar-se agente histórico do processo que estava inserido, utilizando inclusive a sua própria memória como fonte.

Mesmo que deixemos de lado esse quadro de referência da história contemporânea que é construído por nós e no qual encaixamos nossas próprias experiências, elas são nossas. Cada historiador tem sua própria vida, um lugar privado a partir do qual inspeciona o mundo. Talvez ele seja compartilhado com outros em situações comparáveis, mas, entre os 6 bilhões de seres humanos deste final de século, tais grupos de observação são estatisticamente insignificantes. Meu próprio ponto de vista foi construído, entre outros elementos, por uma infância na Viena dos anos 20, os anos da ascensão de Hitler em Berlim, que determinaram minha posição política e meu interesse em história, e pela Inglaterra, particularmente a Cambridge dos anos 30, que confirmaram ambos. Sei que, basicamente por causa destes elementos, meu ângulo é diferente até mesmo do de outros historiadores com quem partilho ou partilhei o tipo de interpretação histórica e que trabalharam no mesmo campo, ainda que cheguemos às mesmas conclusões a respeito dos mesmos problemas. À sua maneira, qualquer outro historiador com pendor para um pouco de introspecção analítica deve ter a mesma sensação. (HOBBSAWM, 1995b: p. 104 – 105)

CHARTIER (1993) avança um pouco mais ao afirmar que as críticas em relação à proximidade temporal dos historiadores com seu objeto de pesquisa são importantes instrumentos para a compreensão do que se pesquisa. Nas palavras do historiador:

O pesquisador é contemporâneo de seu objeto e divide com os que fazem a história, seus atores, as mesmas categorias e referências. Assim, a falta de distância, ao invés

¹⁸ Disponível em: <<<https://www.facebook.com/acervoconhecimentohistorico/?fref=ts>>>. Acesso em 24 de abril de 2016.

de um inconveniente, pode ser um instrumento de auxílio importante para um maior entendimento da realidade estudada, de maneira a superar a descontinuidade fundamental, que ordinariamente separa o instrumental intelectual, afetivo e psíquico do historiador e aqueles que fazem a história (CHARTIER, 1993, p. 08).

É necessário que os historiadores que pesquisam por essa vertente, estejam cientes que estudar temas relacionados a esse modelo de temporalidade implique em coerência com a metodologia que se pretenda utilizar, questão na qual recai grande parte das críticas: os testemunhos. Uma das metodologias mais utilizadas nas pesquisas são os registros orais, comumente chamados de história oral. Entrevistas, por exemplo, são utilizadas para a construção de narrativas que, sem a presença dos testemunhos, perderíamos a oportunidade de refletir sobre a descrição dos indivíduos e a interdependência coletiva que se tecem nos laços sociais (FERREIRA, 2000).

Deve-se, no entanto, entender que a esfera do tempo vivido, isto é, aquilo se chama comumente de *Memória* (NORA, 1990) deve ser encarada a partir de um olhar mais cuidadoso. A História e a Memória, longe de serem sinônimos, apresentam características muito diferentes. A memória está sempre em constante evolução e se refere à vida, estando aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, é sacralizada, vulnerável aos usos e manipulações, é por vezes coletiva, plural e individual. A história, por outro lado, é sempre a problematização do vivido, do acontecimento. É dessacralizante e possui direção a universalidade; é relativa e possui no âmago a deslegitimação do passado vivido. “A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo.” (NORA, 1990, p. 7)

Para LE GOFF (2003) outra importante característica da Memória é a de que ela também é produção coletiva, estando inserida na história vivida das sociedades humanas, possuindo um conjunto de processos psíquicos na qual o indivíduo irá analisar as impressões e informações passadas. Assim, o estudo da memória, segundo o autor, está diretamente relacionado aos aspectos psíquicos do ser humano e sua relação social. Outros autores, como ROUSSO (2006), também colocam a *Memória* como um processo psíquico e social:

“A Memória, para prolongar essa definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido no contexto familiar, social, nacional” (ROUSSO, 2006, p. 94)

O termo memória se repete hoje em diversas mídias, trazendo consigo significados diversos e levantando problemas que hoje dificilmente podemos deixar de questionar. São

incontáveis as obras, textos, referências e discursos em que este conceito frequentemente é empregado, trazendo consigo uma complexa gama de representações sobre o passado. É nesse sentido que encontramos críticas a história do tempo presente, pois é comum que se faça confusão a respeito dos dois conceitos. Porém, a história do tempo presente é entendida aqui como temporalidade, enquanto a *Memória* é vista como objeto de historicidade. A história vivida, isto é, a *Memória* é campo pessoal, subjetivo, enquanto a história do tempo presente é ciência histórica, articulação temporal e teórica.

Deste modo, como podemos estabelecer na educação básica a relação entre a história vivida e a história científica? De que maneira podemos levar para o cotidiano da escola trabalhos que levem os alunos a questionar as memórias produzidas pela sociedade, como elas são produzidas e a relação delas com o mundo em que vivem? A história do tempo presente nos impulsiona a quebra de paradigmas da própria relação do historiador e o seu produto intelectual, nos levando a questionar sobre se os historiadores são, de fato, os depositários da verdade histórica. Neste questionamento a história do tempo presente pode ser uma articulação temporal que torna o objeto de estudo algo, não apenas próximo, mas compreensível na medida em que os alunos compreendem sentidos a partir de processos vividos.

Para a compreensão de que o ensino de história se articula às questões do tempo presente, buscamos localizar teoricamente o que se entende por essa temporalidade, a que efeitos se desenvolvem na perspectiva do ensino de história e os usos das TICs, do podcast, do professor enquanto agente que induz sentidos nos diferentes componentes curriculares e que problemas podem ser levantados para as aulas de história que fazem com que os alunos se sintam próximos das discussões.

Não desejamos, contudo, dizer que outra abordagem teórica sobre temporalidade não seja adequada aos usos que as TICs possibilitam. As TICs são meios e podem ser utilizadas pela perspectiva que adequa aos interesses docentes. No entanto, a abordagem a partir da noção de temporalidade do tempo presente nos é favorável pois observamos que existem demandas específicas da mídia podcast que predominam abordagens históricas a partir de questões próprias do tempo presente que, por decisões teóricas ou mesmo pelo objetivo narrativo dos atores envolvidos no processo de produção do podcast, acabam se articulando as propostas e/ou da história do tempo presente.

Articulamos a ideia de história do tempo presente não como a "história imediata" ou a história contemporânea. Nossa escolha recai sob a perspectiva de que a operação

historiográfica remete a problematização dos objetos de análise a partir do lugar de fala dos historiadores – o presente – e que, independentemente do tempo/espaço do objeto que estudam, o historiador está imbuído de referenciais do seu “lugar de fala”, isto é, os professores ensinam no tempo presente “a partir de demandas emergentes que estão registradas nas diretrizes e propostas curriculares vigentes, exames vestibulares, avaliações sistêmicas, questionamentos dos alunos, tradições escolares, e que emergem dos debates políticos da sociedade da qual estão inseridos” (MONTEIRO, 2015: p. 04).

O professor de História configura o tempo histórico a partir do seu espaço de experiência e do horizonte de expectativa que definem o passado e o futuro no presente. A afirmação de que o professor/historiador precisa manter uma distância do seu objeto de análise é, no nosso entender, impossível pois o agente, isto é, o professor parte sempre de um lugar familiar – o seu lugar de fala – que é constituído no tempo presente a partir das experiências constituídas na sua formação e profissionalização. Existe um mito da neutralidade, que atribui sentidos de conhecimento não produzidos, mas repetitivo, não problematizado a partir de referências teóricas e escolhas nas quais todo professor recai. São "lugares de fala" pois todo agente produtor de conhecimento sempre é localizado no tempo/espaço, mas também é socialmente construído.

As demandas profissionais também se articulam à proposta da história do tempo presente na medida em que, para mobilizar saberes, professores articulam questionamentos produzidos na experiência vivida dos alunos que procuram encontrar sentido no que se ensina nas aulas de história. Nas aulas de história quando se problematiza as questões do passado, o tornam presente na medida em que os alunos relacionam questões do seu próprio tempo. Na prática cotidiana de ensino o professor, por sua vez, faz o exercício de racionalizar o "estranho e o familiar" (MONTEIRO, 2005). No entanto, é preciso se evitar anacronismos. O uso de analogias, mecânica potencialmente utilizada pelo presentismo, demanda problematizações e intervenções do professor que deve levar em consideração a “construção histórica da vida social” (MONTEIRO, 2005, p. 340). É preciso empreender clareza nesse processo pois o “estranho”, isto é, o elemento não-familiar é pressuposto para superações do conhecimento de senso comum. A simplificação pode acarretar problemas de compreensão do passado, pois podem ocorrer relativizações ao atribuir sentidos do passado a acontecimentos do presente.

É muito freqüente o uso, pelos professores, de atividades onde são desenvolvidas analogias com situações similares à estudada, e encontradas na “realidade do aluno”, em situações do tempo presente. Muitas vezes estas analogias induzem a erros, pois operam numa dimensão comparativa muito simplificada, conduzindo os alunos a

atribuir à situação do passado o mesmo significado encontrado na situação do presente. Além disso, tendem a levar o aluno a ignorar as diferenças no tempo, suprimindo um aspecto fundamental no ensino da história que é fazer perceber e compreender as diferenças entre temporalidades. O anacronismo representa uma ameaça, portanto, seja do ponto de vista do significado daquilo que é objeto de estudo, seja do ponto de vista da própria construção do raciocínio histórico.” (MONTEIRO, 2005: p. 343)

Sendo assim, o ensino de história é, de fato, atribuição de sentido no tempo. Essas são questões tomadas pela história do tempo presente, pois as indagações e problemáticas relacionadas aos conteúdos deve fazer sentido com os enfrentamentos sociais e culturais historicamente construídos na sala de aula, compreendendo as diferentes temporalidades sem utilizar de simplificações. As aulas de história são, portanto, "espaços de experiências" que articulam questões do passado vivido por outros, com o presente vivido dos alunos e o "horizonte de expectativas" (MONTEIRO, 2015, p. 03).

“História na podosfera”: articulando teoria e prática

O podcast torna-se um espaço privilegiado dos alunos produzirem discursos e quebrarem paradigmas a partir do desenvolvimento de experiências sociais e aprendizagens dinâmicas. Dessa forma, o podcast pode ser um veículo midiático de problematização de questões sociais e históricas produzidas pelos próprios alunos que perpassam o ambiente escolar, trazendo cidadania e dando voz aos alunos em expressar seus anseios e suas ideias. FETZNER (2015) ao criticar os modelos de avaliação externa produzidos pelo Estado percebe que a Escola deve “colaborar para o desenvolvimento de experiências sociais e aprendizagens que nos possibilitem um saber diferente do qual a nossa própria família já tem disponível” (p. 141). Essa problemática, muito frequente em tempos de “Escola sem partido”, indica a importância da Escola em promover o debate e a diversidade de pensamento, buscando o sentido de uma educação para a alteridade e o respeito às diferenças. Nesse sentido, o podcast abre espaço de diálogo entre a Escola e os espaços públicos na sociedade pelo acesso gratuito e democrático da mídia nos ambientes virtuais de aprendizagem – a podosfera.

O podcast toma o sentido de instrumento educacional para além do conhecimento previsto no currículo, abrindo espaços de diálogo com os diferentes conhecimentos produzidos na web, no sentido de diversidade, pluralidade, na construção coletiva e, potencialmente, posiciona a escola no importante papel de instituição voltada para a vivência da cidadania e do pensamento crítico. Outra questão importante a ser discutida é que o podcast se desvincula da ideia de padronização do processo de construção do conhecimento,

colocando diferentes formas de se construir o pensamento – *brainstorm*¹⁹, construção coletiva de pauta, debate de ideias e respeito a diversidade de pensamento. Distanciamos da ideia de classificação, pois entendemos os espaços virtuais e produção de conteúdo, no nosso caso o podcast, como meios potenciais de quebra de paradigmas.

Dar voz aos alunos é essencial na produção do podcast pois a polifonia – entendida no sentido de espaço que circulam diferentes vozes – gera processos democráticos de produção do conhecimento que devem ser avaliados de forma coletiva, sem deixar, no entanto, de estabelecer um acompanhamento individual do aluno. A gravação, edição e publicação do podcast é um fim, mediado por todo um processo de construção de discurso; as oficinas tomam um caráter qualitativo, pois está inserida no processo de ensino-aprendizagem (SACRISTÁN, 1998).

Portanto, atribuímos a criação da pauta como primeira etapa de produção do podcast. Para tanto, trabalhamos com o quadro elaborado por BARCA (2004) que nos ajuda a perceber os diferentes protagonistas do podcast na perspectiva de aula-oficina:

Paradigmas Educativos – modelo de aula-oficina	
Lógica	o aluno, agente de sua formação com ideias prévias e experiências diversas o professor, investigador social e organizador de atividades problematizadoras
Saber	modelo do saber multifacetado e a vários níveis: - senso comum, - ciência, - epistemologia
Estratégias e recursos	múltiplos recursos intervenientes aula-oficina
Avaliação	material produzido pelo aluno, testes e diálogos
Efeitos sociais	agentes sociais

Modelo de aula-oficina (BARCA, 2004, p.02)

Entendemos a oficina enquanto aula de história (BARCA, 2004) e o podcast “dentro de uma perspectiva de reflexão epistemológica dentro e para o campo do Ensino de História”²⁰. Nessa mútua articulação, desenvolvemos a Oficina “Historias na podosfera” com

¹⁹ Abreviação do inglês *brainstorming* (tempestade de ideias). Termo muito usado na publicidade para resolução de problemas específicos. É um conjunto de exercícios mentais que servem para a criação de ideias a partir de um conceito ou problema. Utilizamos esse conceito pois acreditamos que os alunos carregam uma serie de conhecimentos anteriores aos apresentados nas aulas. Assim, motivamos a discussão coletiva a partir do conhecimento prévio carregado pelos discentes, sendo eles direcionados pelo professor em função de se construir, de forma científica e embasada, o conceito, tema ou expressão pretendida.

²⁰ Disponível em: <<<http://www.sobrehistoria.blog.br/o-projeto/>>> Acesso em 01 de dezembro de 2016.

o intuito de contribuir para a formação de professores de história em relação às TICs e a mídia podcast e suas potencialidades para o ensino de história na Educação Básica.

Como gerar um tema para o podcast a partir do tempo presente? Essa pergunta é instigante, pois recai diretamente na articulação que envolve temas curriculares, o saber escolar, a temporalidade e autoria docente. Dessa forma, é necessário partir sempre de algum conteúdo curricular, seja ele *formal* – como tema curricular prescrito pelas secretarias municipais, estaduais e/ou federais na qual o professor está inserido – assim como o currículo oculto e o real. Ou seja, o tema precisa estar inserido nas atividades e no programa que o professor constrói em seu planejamento didático no qual os temas específicos deste currículo de História façam sentido. Um tema de podcast pode, por exemplo, surgir das discussões sobre a Segunda Guerra Mundial ou Golpe Militar de 1964 com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Essa articulação com o currículo é extremamente necessária, pois os temas precisam fazer sentido com a própria disciplina escolar.

Também é necessário que o tema do podcast venha a partir da realidade sociocultural dos alunos envolvidos. Para isso, o professor como autor de suas aulas deverá, através de seu campo de experiência e formação, encontrar o tema adequado a realização da oficina. No entanto, é preciso que o tema faça sentido. Para isso, partimos da articulação do curricular com a percepção temporal do *presentismo*. Logo a produção do conhecimento escolar parte a princípio do conhecimento histórico de referência (MONTEIRO, 2015) e se constrói na práxis da sala de aula, dialogando com aquilo que vamos chamar de “conhecimento prévio” dos alunos.

Enfrentamentos próprios da sala de aula também podem imprimir escolhas por parte dos docentes na formulação de temas para o podcast. As demandas sociais, questões levantadas nas redes sociais, notícias, e situações da Escola geram intervenções por parte de professora na promoção de entendimentos do tempo presente e em colocações que visam garantir o respeito a alteridade.

Trabalhamos no sentido de que o aluno é agente e produtor de conhecimento e que o professor, para iniciar este processo, deve ser um investigador social, isto é, ele deve ser capaz de “aprender a interpretar o mundo conceitual dos seus alunos, não para de imediato o classificar em certo/errado, completo/incompleto, mas para que esta sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceptualização dos alunos” (BARCA, 2004, p. 01). O conceito de *lógica* discutido por BARCA (2004) nos apresenta o aluno na perspectiva de um sujeito ativo com ideias prévias e experiências múltiplas. O professor, por sua vez, é sujeito

investigador e a sua prática é de empreender um processo de investigação dos conhecimentos prévios dos alunos (p. 02). Nesse sentido, partindo do pressuposto de que o Ensino de História tem como um de seus objetivos a compreensão dos conceitos históricos como construção temporal e social, o professor deve se colocar na perspectiva de quem investiga como os alunos constroem tais conceitos. O aluno, visto como agente, torna-se nessa perspectiva também objeto de interpretação do professor que deve promover como parte de sua aula a avaliação de como os conceitos históricos estão sendo percebidos.

Uma das outras etapas da produção do podcast é a realização da pauta. Trata-se de um dos aspectos mais fundamentais da gravação do podcast, pois é a base que define as discussões em relação ao tema escolhido e o debate entre alunos e professor. A pauta não é algo engessado e deve sempre estar em constante reestruturação e mudança, partindo-se sempre da ideia de que o conhecimento é construído e, portanto, sempre pode ser atualizado. Esse conhecimento é produzido a partir da ação docente que, após o processo de constituição do conhecimento prévio (brainstorm), irá intervir discutindo e problematizando as discussões dos alunos na etapa anterior. Dessa forma, o professor deve sempre intervir de forma a empreender um processo de desnaturalização e historicização em relação à compreensão de senso comum dos alunos. A atividade de *Brainstorm* dá lugar às colocações do professor de história que irá problematizar os conteúdos produzidos durante o debate de ideias dos alunos. O professor deverá realizar uma organização da dimensão temporal do objeto de estudo – de forma linear ou não – discutindo os conceitos e ideias dos alunos, superando a compreensão de senso comum. A ação docente visa dar sentido a compreensão dos objetivos dispostos nas perguntas, dando um novo olhar, agora histórico, do tema do podcast podendo se utilizar de analogias (MONTEIRO, 2005) e contextualizações. Essa intervenção é que permite que o Saber Ensinado cumpra o seu objetivo de tecer um olhar crítico sobre o objeto estudado.

O fio de sentido é dado por quem narra: o professor. Pode ser rejeitado ou compartilhado. O aluno aprende, não aprende, compreende de outra forma, se apropriada (ou não) do saber. A dimensão temporal está subjacente, linear ou não. A trama, o enredo é armado para a construção do sentido. Contextualizações e analogias são alternativas encontradas para possibilitar a compreensão do sentido desejado. Trazer para a realidade do aluno implica em encontrar instrumentos para que a empatia abra espaços para superar a própria circunstância e compreender o outro. Desnaturalizar e historicizar o social, estas são ações que fundamentam a ruptura do senso comum e a compreensão do cotidiano com olhar impregnado de História. O saber ensinado cumpre seu objetivo de permitir a volta ao cotidiano com um novo olhar, crítico e conceitualmente mais instrumentalizado. (MONTEIRO, 2013: p. 11)

A produção da pauta se apresenta como instrumento de orientação do tema com o seu aspecto temporal de compreensão do passado, do presente problematizado e o futuro como

horizonte de expectativa. Dialogamos com o conceito de “narrativa histórica” por relacionar o tempo como tempo humano quando se é articulado de forma narrativa, ou seja, a narrativa encontra sentido histórico quando toma uma dimensão de experiência, do vivido. Neste sentido, o podcast é narrativa na medida em que produz sentidos históricos problematizados pelas categorias meta-históricas de KOSELLECK (2006); o “espaço de experiência” – na articulação entre os conhecimentos prévios, os saberes escolares e a escolha pela temporalidade do tempo presente (a presença do passado/presente) – e o “horizonte de expectativa” – na percepção do futuro como o não experimentado.

A utilização dessas categorias meta-históricas nos ajuda a compor a narrativa que pode ser constituída na pauta e na gravação do podcast. Um ensino de história, em nossa perspectiva deve sempre partir de problemáticas do Tempo Presente, sejam elas do “passado atual, sejam aqueles no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados” (KOSELLECK, 2006, p. 309) – a experiência do vivido pelos alunos (trazemos sempre para o lado da cibercultura) – como também para a “Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva e a curiosidade” – expectativa de vida, sonhos e projeto dos alunos. Assim, o professor de história no processo de gravação atua na produção de um discurso – o narrador explícito – recompõe, recria, produz fatos e processos (MONTEIRO, 2015) ao debater e construir a narrativa histórica em áudio com os alunos participantes da oficina sempre a partir de enfrentamentos do Tempo Presente

Referências Bibliográficas

- ASSIS, Pablo. O Feed e a fidelização do ouvinte. In: LUCIO, Luís. Reflexões sobre podcast. Marsupial Editora, 2014.
- BARCA, Isabel. Aula oficina do projecto à avaliação. In: PARA UMA EDUCAÇÃO HISTÓRICA DE QUALIDADE, 4. 2004, Braga. Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: Uminho, 2004. p. 131-144.
- CHARTIER, Roger. CHARTIER, Roger. A História Cultural. Entre Práticas e Representações. Lisboa, Bertrand Brasil, 1993.
- DARNTON, Robert. A questão dos livros: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia de Letras, 2010
- FERREIRA, Marieta Morais. História do Tempo Presente: desafios. Cultura Vozes v. 94, n. 3. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FETZNER, Andréa Rosana Fetzner. Entre diálogo e a redução: práticas curriculares e avaliativas. In: DE OLIVEIRA FERNANDES, Claudia. Avaliação das aprendizagens: sua relação com o papel social da escola. Cortez Editora, 2015
- GALLINI, Stefania; NOIRET, Serge. La historia digital en la era del Web 2.0: introducción al Dossier Historia Digital. História crítica, n. 43, p. 16-37, 2011.
- GINZBURG, Carlo. História na era Google. In: Fronteiras do Pensamento 2010. Porto Alegre: 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wSSHnqAbd7E> . Acessado em 22 de maio de 2016.
- HARTOG, François. Regime de Historicidade [Time, History and the writing of History - KVHAA Konferenser 37: 95-113 Stockholm 1996]. Disponível em: <[https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/Fran%C3%A7ois_Hartog__Regime_de_Historicidade_\(1\).pdf](https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/Fran%C3%A7ois_Hartog__Regime_de_Historicidade_(1).pdf)>> Acesso em 10 de Agosto de 2015. p. 95.
- HOBBSBAWM, Eric. O presente como história: escrever a história de seu próprio tempo. Novos Estudos CEBRAP, v. 43, n. 11, p. 103-12, 1995.
- HOBBSBAWN, Eric. A Era dos extremos - O breve século XX. São Paulo, Companhia das letras, 1996.
- JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. São Paulo: Aleph, 2006
- LE GOFF, J. História e memória. 5.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003
- LUCCHESI, Anita. A história sem fio: questões para o historiador da Era Google. In: XV Encontro Regional de História da ANPUH-RJ, 2012, Rio de Janeiro. Anais do XV Encontro 115 Regional de História da ANPUH-RJ, Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012, p. 1-09.
- LUCCHESI, A. história e historiografia digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: CONHECIMENTO HISTÓRICO E DIÁLOGO SOCIAL, XXVII, 2013, Natal. Anais eletrônicos. Natal: ANPUH, 2013.
- MONTEIRO, Ana Maria. Entre o estranho e o familiar: o uso de analogias no ensino de história. Cadernos Cedes, v. 25, n. 67, p. 333-347, 2005.
- _____, Narrativa histórica no ensino de história. Fóruns Contemporâneos de Ensino de História no Brasil on-line, 2013.
- _____, Ana Maria. Aulas de história: questões do/no tempo presente. Educar em Revista. Curitiba, Brasil, n. 58, p.165-182,out-dez. 2015
- MOURA, Adelina; CARVALHO, Ana Amélia Amorim. *Podcast: uma ferramenta para usar dentro e fora da sala de aula*. 2006.

NOIRET, Serge. História pública digital. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 28-51, maio 2015.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. PROJETO HISTÓRIA 10: 07-28, dez. 1990.

ROUSSO, H. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. P. A avaliação no ensino. Compreender e transformar o ensino. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Raone Ferreira de Souza: Possui graduação em História pelo Centro Universitário Geraldo Di Biase e Mestrado em Ensino de História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência de pesquisa na área de História e Educação, com ênfase em História Pública, Tecnologias de Informação e Comunicação e História Digital. Pesquisador do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História-LEPEH.

Artigo recebido para publicação em: outubro de 2017

Artigo aprovado para publicação em: dezembro de 2017

SOUZA, Raone Ferreira. O podcast no ensino de história e as demandas do tempo presente: que possibilidades? **Revista Transversos**. “Dossiê: As NTICs e a escrita da história no tempo presente”. Rio de Janeiro, n.º. 11, pp.42-62, Ano 04. dez. 2017. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2017.31585

